

Líder socialista, Manoel Lima Amaral falece em Belém

No AMAZÔNIA:

Domingo, 9 de Agosto de 2009

O PSOL perdeu um de seus mais destacados militantes no Pará. **Manoel Lima Amaral**, bacharel em História e líder socialista, morreu ontem, aos 34 anos, de parada cardíaca. O corpo foi cremado num cemitério particular, em Marituba. Manoel era casado e deixa quatro filhos.

Ao velório compareceram lideranças políticas e companheiros que estiveram ao lado do dirigente ainda jovem, mas de longa e ativa militância em defesa das causas sociais. Filiado ao PSOL desde 2005, Manoel Amaral teve atuação marcante nos acontecimentos políticos do Estado nos últimos anos



'O povo oprimido perde um grande combatente; a esquerda, um membro de seu mais legítimo quadro; e os familiares e amigos perdem um ser humano que fez da sua vida, da convivência fraterna, uma marca', afirmou o senador José Nery (PSOL), no velório do historiador e seu assessor parlamentar. O senador Nery declarou que o legado de Manoel Amaral constitui-se em um impulso para fortalecer a luta por um mundo mais justo. 'Mundo esse pelo qual o Manoel dedicou toda a sua vida', acrescentou.

O chefe da Casa Civil do governo do Estado, Cláudio Puty, comentou que Manoel Amaral foi 'um grande militante socialista', e que a morte dele se configura em uma perda irreparável. Puty lembrou que a última vez em que conversou com Manoel foi sobre a problemática dos trabalhadores sem-terra, por causa das declarações da senadora Kátia Abreu relacionadas à fazenda Santa Bárbara, no sul do Estado.

Puty disse que conheceu Manoel quando ele era ainda do Grêmio Estudantil do Colégio Paes de Carvalho, no começo dos anos 90. A secretária de Estado de Desenvolvimento Urbano e Regional, Suely Oliveira, também compareceu ao velório. Manoel Amaral, como informou Aldenor Júnior, que atuou com ele no PT e PSOL, foi do Diretório Municipal do Partido dos Trabalhadores por vários anos e assessor parlamentar por dois mandatos na Assembleia Legislativa do Estado, atuando com a deputada Araceli Lemos (pelo PT e pelo PSOL). Assessorou também a ex-vereadora de Belém Marinor Brito, hoje no PSOL. 'Manoel foi um militante bastante testado na luta dos trabalhadores. Ele deixa um exemplo de vida, a presença dele vai permanecer como um espelho para todos nós', afirmou Araceli. 'Ele foi um grande apoio ao governo do prefeito Edmilson Rodrigues (ex-PT e hoje no PSOL), no período de 1997 a 2004', afirmou Aldenor, que atuou com o ex-prefeito de Belém.

O advogado Ricardo Dias lembrou que Manoel Amaral era um torcedor fervoroso do Paysandu, que não perdia um jogo do clube. Manoel intensificou sua atividade política na Paróquia de São Sebastião, no bairro da Sacramento, lutando por moradia, transporte, educação de qualidade. Após atuação no PT, em 2005 ele ingressou no PSOL. Também compareceram ao velório e sepultamento de

Manoel Amaral o ex-chefe da Casa Civil do governo Charles Alcântara, o presidente do Sindicato dos Rodoviários de Ananindeua, Márcio Amaral, irmão de Manoel, e lideranças do PSOL como Fátima Macapá e Fernando Carneiro.

**Travaste tua última batalha,
Solitário mas não sozinho.
Estávamos contigo mesmo sem estarmos junto a ti.
Quão efêmera tua vida!
Quão injusta tua partida!
Em nossa luta permanecerão teus sonhos.
Como se fora uma estrela cadente tua breve e brilhante luz jamais será esquecida.
Hoje a floresta silenciou para escutar o uirapuru lamentar a morte de um guerreiro.
Adeus, mano!
Adeus, Manoelzinho!**

Sábado, 8 de Agosto de 2009

[Não era Angelim, mas também honrou o sangue Cabano](#)



Com muita tristeza escrevo sobre a perda de um grande companheiro e camarada de sonhos, lutas e conquistas.

Se foi Manoel Amaral (dirigente do PSOL e da APS/tendência interna do partido). Ficou na história contemporânea do Pará a marca desse grande lutador. A dor da perda certamente é mais sentida aos que diariamente conviveram com a presença, a beleza daquele bravo revolucionário. Não me incluo entre entes, mas sinto profundamente essa tragédia. Nosso curso, História da UFPA, também está em luto por sua viagem inesperada.

A Educação do Pará também está de luto pela perda deste educador, e que nestes últimos anos, que somados aos catastróficos quatro anos iniciais de Lula, marcou a luta de Manuel contra as nefastas políticas de Ana Júlia Carepa, não só para o setor da educação, mas para o conjunto da população pobre desse do Pará.

Infelizmente Manuel não pode comemorar nossa luta final contra os donos do poder, contra as elites, contra a burguesia... os reais promotores da fome, miséria e dor que assola os milhões de brasileiros... Mas seguiremos dando o bom combate e buscando honrar a memória e aprender também com os erros deste grande e bravo companheiro que não comemorou o socialismo, mas que será lembrado quando a humanidade brindar o fim da ditadura da minoria.

Manuelzinho: uma grande voz, um grande agitador político. Manoel sempre gostava de se referir de si como um lutador Cabano. Concordo! Manoel honrou a memória daqueles paraenses que não querendo mais viver como viviam, se jogaram na justa luta contra seus algozes, a Cabanagem. Manoel não tinha Angelim no sobrenome, mae era um vibrante Amaral!

Com o peito chorando, adeus camarada!!

Marcus Benedito.

[Artigo de Manoel Amaral sobre a Revolução Cabana](#)



Ano passado Manoel escreveu este artigo sobre um episódio fundamental da luta de classes na Amazônia, a Revolução Cabana. Fica como lembrança e pesar pela perda deste heróico lutador socialista.

17/1/2008

173 anos da Revolução Cabana: uma luta em curso

Manoel Amaral

Após esses 173 anos de Revolução Cabana, que foi coordenada por homens simples, anônimos, que escreveram, a partir da vontade coletiva, algumas das mais importantes páginas da história do povo brasileiro e em especial do povo paraense, a motivação desta vontade coletiva pode ser explicada, emprestando as palavras de Maria G. Gohn (1997, p.54): "enquanto a humanidade não resolver seus problemas básicos de desigualdades sociais, opressão e exclusão, haverá lutas, haverá movimentos". A situação por que passava a maioria do povo pobre do Pará foi o ingrediente mais do que justificável para que homens e mulheres das mais variadas cores e religiões pudessem se organizar e, de armas em punho, gritassem uníssonos por liberdade, justiça e igualdade.

Várias formas de se apropriar do legado da Cabanagem foram utilizadas. Em princípio Domingos Rayol tomou a Cabanagem como um motim de desalmados, irracionais que tinham como desejo a expressão da ira e do terror, argumento perfeito para consolidar a repressão sanguinária que derivou sua apreciação, gerando um genocídio neste Estado que dizimou um terço da população masculina paraense.

Mas Vicente Salles, um dos mais importantes historiadores paraenses, identifica uma luta de classes que eclode em 1835 com a Cabanagem. Relata a expressão política de membros excluídos da sociedade paraense, que era baseada nos grandes proprietários e comerciantes portugueses, por trás da simples oposição entre portugueses e brasileiros - havia uma heterogeneidade de posições que se somaram, formando um quadro político instável na província. De acordo com ele, de um lado estava o colonizador, uma minoria que controlava o poder e os meios de produção; em oposição, estava o colonizado, "massa heterogênea de camponeses e peões", pertencente à categoria de homens livres sem terra "vivendo à margem da escravidão". Em muitos momentos, a condição do colonizado era pior até que a situação dos escravos.

Como o subtítulo diz, o livro de Vicente Salles é a "história do pensamento político-revolucionário do Grão-Pará", pensamento cujas raízes estão nas grandes transformações ocorridas no final do século

XVIII e no início do século XIX. A Cabanagem é a soma do reflexo da ação desempenhada por idéias liberais, republicanas e libertárias. A Revolução Francesa, a Revolução Americana e a Revolução da Guiana Francesa, principalmente, exerceram papel importante na propagação de idéias políticas entre diferentes camadas da sociedade do Grão-Pará.

Vicente Salles faz uma apresentação de diversos pontos que contribuíram para esse momento de explosão das massas, como ele se refere. Vicente Salles se centra em uma análise estrutural para definir quem é quem na estrutura social da época e, conseqüentemente, dentro do movimento cabano. São índios, negros e caboclos ou, ainda, lavradores e pequenos proprietários que lutam contra portugueses. Ao se

pensar no esquema de interpretação de crise política e revolução proposto por Lênin, no qual está a luta interna entre as classes dominantes, a pauperização das classes populares e sua ascensão política, vê-se que tais elementos implícitos estão na análise proposta por Vicente Salles. O crescimento político das classes populares é um fator intensamente relatado, Vicente Salles aborda a difusão das idéias do socialismo utópico elaboradas por Saint-Simon na Europa, sugere que no Brasil, essas idéias estiveram limitadas por não haver a organização de uma classe operária. Os intelectuais brasileiros educavam-se, em sua maioria, na Europa e lá tomavam contato com as idéias do início do século. Entre elas estavam o socialismo utópico e o livre comércio.

No campo político, na década de 80 o governo de Jader Barbalho, apoiado em parâmetros populistas tenta se apropriar da Cabanagem para dar uma roupagem popular em seu governo.

Na década de 90, o governo municipal de Edmilson Rodrigues materializou os ideais de democracia cabana e promoveu as ações populares e democráticas que caracterizou seu governo como o quarto governo cabano, o povo de Belém pôde, durante oito anos, promover uma verdadeira revolução nas ações governamentais participando ativamente do processo de construção do orçamento e definindo metas estruturais do governo municipal. O povo de Belém pôde mais uma vez segurar as rédeas de seu futuro.

Obviamente que se deve destacar os limites de um governo municipal frente os ataques cotidianos da burguesia local e nacional frente a ações que despertavam os trabalhadores (as) paraenses.

Como podemos notar, a Cabanagem representa a identidade do povo paraense, ainda pouco utilizada, mas capaz de mobilizar importantes parcelas da sociedade, seja do ponto de vista acadêmico, seja na prática política institucional.

Nunca foram tão atuais os preceitos que motivaram as centenas de homens e mulheres no Estado do Pará em 1835. Em tempos de acumulação do capital e da aplicação de medidas que afastam os trabalhadores (as) das principais decisões políticas, é evidente a necessidade de ações que possam colocar em xeque medidas anti-populares de caráter autoritário e populista do atual governo.

Os fatos que presenciamos hoje, como a vergonhosa escalada do crime organizado, a chaga aberta na sociedade do trabalho escravo, os cortes de verbas governamentais para a educação e saúde, que servem ao pagamento da dívida “eterna” brasileira, o abandono de principio caros à esquerda por parte de partidos tidos como aliados dos trabalhadores em troca da manutenção da ordem política burguesa, a violência no campo que faz sucumbir os direitos fundamentais do homem, a degradação da natureza em troca do lucro pelo lucro, o comportamento antiético que impera nas ações gerais da maioria dos (as) político (as) brasileiros (as), a submissão sem medida ao capital internacional que soterra nossa soberania, nos faz pensar que passados esses 173 anos do janeiro em que o povo tomou o poder do Pará pelas mãos e instituiu seu próprio governo não só é merecedor de referência como é um exemplo a ser seguido.

Ao povo do Pará que agora, mais uma vez, se vê enganado por falsas promessas, resta notar que a verdadeira mudança será fruto de sua participação efetiva. Evitar aqueles que escondem suas idéias passadas e as substituem por novas (mais frutos de velhos pensamentos) e que editam as mesmas propostas que antes criticavam, deve ser razão de esperar um rumo novo para o povo paraense, um rumo de horizonte ribeirinho, um norte Cabano.

Viva a cabanagem e seu povo; viva o seu legado e o seu exemplo, viva os negros e negras, índios e índias, brancos e brancas, mulatos e mulatas que construíram essa página na história paraense e que até hoje nos orgulha.

Manoel Amaral é Professor, Assessor do Senado Nery – PSOL e Coordenador do Centro Memorial Cabano – Pa.

Postado por Marcus Benedito

[Dirigentes da Conlutas e do PSOL dizem adeus a Manoelzinho](#)



CAMARADA MANUEL AMARAL....NOSSO MANUELZINHO... PRESENTE .. SEMPRE NA LUTA!!!

Aos seus familiares e camaradas de organização política transmitam todos os meus mais sinceros e honestos sentimentos de pesar... ao meu camarada Marcio Amaral, um grande abraço e muita força nesse momento tão difícil.

As doenças da qual padece ampla maioria da população pobre tem no capitalismo seu grande culpado... Manoel é mais uma vitima desse sistema, assim como muitos outros em nível mundial... Manoel não morreu de morte morrida, morreu de morte matada e seus assassinos são as multinacionais e os poderosos... é para derrota-los e inverter essa logica perversa que continuaremos firmes... saiba Manoel e todos seus companheiros (as) de luta que 'amanhã será um outro dia...' seguiremos firmes na luta, dando continuidade a obra da qual se dedicava com grande paixão e entusiasmo.

"Os poderosos podem matar uma, duas ou três rosas, mas nunca poderam deter a primavera"

Douglas Diniz

Direção Nacional da CST - PSOL

Camaradas, é com muita tristeza que informo o falecimento de um camarada de todas as horas, companheiro Manoel Amaral (militante do PSOL e Intersindical). Todos os lutadores desse estado com certeza sentirão essa perda já que o comp. Manoelzinho dedicou a sua vida à construção de uma sociedade socialista, sem misérias e exploração, e por essa dedicação mereceu e merecerá sempre o nosso respeito e homenagens.

O comp. está sendo velado na Golden Pax (Lomas entre 25 e Duque) e o corpo será cremado (como era de sua vontade) hoje às 16h.

A presença de todos nesse momento é importante.

Silvia Letícia

Aos camaradas de Belém,

Nos fará falta o companheiro no cotidiano de nossas lutas, das articulações e polêmicas...
...farar-nos falta, também, sua torcida firme pelo Paysandú e sua admiração pela poesia;
Militei, de uma forma mais direta, apenas por algumas vezes, com o companheiro Manoelzinho mas o suficiente para conhecer um pouco mais de seu lado humano e, inclusive, passar a admirá-lo neste aspecto.
Sei que sua viagem inesperada deixará muito mais dores aos companheiros de primeira hora, como os companheiros que ao longo de ano dedicaram-se a construção do PT, agora do PSOL e, especialmente na construção das iniciativas de luta referente a categoria dos trabalhadores em Educação do Pará. Neste momento, pois, apenas somo-me a vocês e com a mais profunda sinceridade partilho do sentimento humano expresso na dura certeza de que não mais o teremos fisicamente de agora em diante.
Manoelzinho, seguiremos lutando pelo Socialismo por aqui, sustentado nas nossas convicções e, certamente, quando o alcançarmos brindaremos também em sua homenagem!
Que estas poucas palavras também possam ajudar a confortar o sentimento de seus familiares neste momento tão difícil.

Valeu companheiro!
Atnágoras Lopes
Militante do PSTU

Mandato do Nery

É com muita tristeza que a equipe do mandato do senador José Nery informa o falecimento do funcionário Manoel Amaral ocorrido da madrugada deste sábado, 08, em Belém. O velório está sendo realizado na capela União God Pax, na travessa Lomas Valentinas entre as avenidas 25 de Setembro e Duque de Caxias. O corpo será cremado no Cemitério Parque das Palmeiras, no Km 15 da BR-316, em Ananindeua.

Manoel tinha 35 anos, casado e pai de quatro filhos. Era professor de História, fazia parte da diretoria do PSOL no Pará e atuou como assessor do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Pará (Sintepp). Atualmente, integrava, desde o início do mandato, a equipe do senador José Nery no escritório em Belém. Seu trabalho foi de grande contribuição para a atuação de Nery principalmente na área de educação no Estado.

Ele estava internado há quase dez dias na UTI do Hospital Porto Dias e foi vítima de uma infecção pulmonar. O senador José Nery e de toda equipe ora para que a família tenha conforto nesse momento difícil.

Nota do Mandato do Senador José Nery – PSOL/PA

De pé, ó vítimas da fome
De pé, famélicos da terra
Da idéia a chama já consome
A crosta bruta que a soterra

Cortai o mal bem pelo fundo
De pé, de pé, não mais senhores
Se nada somos neste mundo
Sejamos tudo, ó produtores

Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional

Senhores, patrões, chefes supremos
Nada esperamos de nenhum
Sejamos nós que conquistemos
A terra mãe livre e comum

Para não ter protestos vãos
Para sair desse antro estreito
Façamos nós por nossas mãos
Tudo o que a nós diz respeito

Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional

Crime de rico a lei cobre
O Estado esmaga o oprimido
Não há direitos para o pobre
Ao rico tudo é permitido

À opressão não mais sujeitos
Somos iguais todos os seres
Não mais deveres sem direitos
Não mais direitos sem deveres

Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional

Abomináveis na grandeza
Os reis da mina e da fornalha
Edificaram a riqueza
Sobre o suor de quem trabalha

Todo o produto de quem sua
A corja rica o recolheu
Querendo que ela o restituia
O povo só quer o que é seu

Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional

Nós fomos de fumo embriagados
Paz entre nós, guerra aos senhores
Façamos greve de soldados
Somos irmãos, trabalhadores

Se a raça vil, cheia de galas
Nos quer à força canibais
Logo verás que as nossas balas

São para os nossos generais

Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional

Pois somos do povo os ativos
Trabalhador forte e fecundo
Pertence a Terra aos produtivos
Ó parasitas deixai o mundo

Ó parasitas que te nutres
Do nosso sangue a gotejar
Se nos faltarem os abutres
Não deixa o sol de fulgurar

Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional

Uma Homenagem:

Manoel

Somos comunistas. Essa é nossa fé.
Acostumados aos embates. Treinados desde sempre para resistir. Lutar.
Nunca nos damos por vencidos. Levantamos sempre.
A vida nos ensinou a importância da palavra.
Expressamos sempre o que sentimos. O que pensamos.

Hoje não será assim.
Não saberemos falar. Não saberemos escrever.
A dor não será traduzida.
Hoje fomos vencidos. Estamos no chão.
Faz frio dentro de nós.

Manoel se foi.

Um buraco se abriu em nossas almas.
Estamos suspensos. Fora de órbita. O tempo perdeu o sentido.

Aprendemos que ninguém é insubstituível.
Sempre haverá alguém para desempenhar as tarefas que a vida nos impõe.
Ontem Manoel nos ensinou que nem sempre é assim.
Ninguém substituirá o pai que é/foi.
Ninguém substituirá o companheiro.
Ninguém substituirá o militante incansável.
Ninguém substituirá o irmão. O amigo.
Sua ausência será insuportável.

Mas, convivendo com a lacuna que se abre em nossos corações,

levantaremos de novo.
Não faremos um minuto de silêncio.
Manoel nunca silenciava.
Manoel terá, de nós, muitos dias e anos de gritos.
Gritaremos pelo futuro. Pelo socialismo. Pelo fim da opressão.
Sorriremos ao lembrarmos de suas muitas histórias (que não as tem?)
E assim, sua luz infinda nos alentará a seguir. Seguiremos.

Fernando Carneiro – 08/2009

